

ELTON BRUNO PINHEIRO
(Organizador)

Pesquisa e Produção em LINGUAGEM SONORA: Experiências Compartilhadas

||| Autores e Autoras |||

Agnes Magalhães | Ariane Lamarão | Arthur Pontes Costa | Ayana Saito | Bruno Calvis |
Bruno Rocha Nascimento | Caio Caldas | Cecília Bastos Cunha Nunes | Clara Maria Ortolani
Smith | Daniel Madeira | Elnatan Bernardo | Fernanda Araujo da Silva | Filipe Alves |
Filliphi da Costa | Gabriel Pimentel | Giovana Azevedo | Giullia Vênus Santos | Hallana Moreira
| Heloísa Schons | Isadora Alves Dueti | Isis Aisha | Jéssica Barros | Jéssica Moura |
João Gabriel Soccio Bezerra | João Pedro Cavalcante | Josianne Diniz | Juliana do Vale
| Jusef Felipe Oliveira | Keilla Salvador | Laura Poffo | Laura Quariguazy da Frota | Luã Santilli
| Lucas Guaraldo Itaborahy | Lucas Rafael Justino | Luiz Curado | Luiza Rodrigues Santana |
Luylla Vieira | Mylena Cardoso | Paloma Ferreira Martins | Rafael Stadniki | Rafaela Schimitt |
Roberval de Jesus Leone dos Santos | Ryanny Costa | Thyanne Beatriz | Vinicius Vinhal

Pesquisa e Produção em Linguagem Sonora: Experiências Compartilhadas

Organizador

| Elton Bruno Pinheiro |

Autores e Autoras

Agnes Magalhães | Ariane Lamarão | Arthur Pontes Costa | Ayana Saito | Bruno Calvis | Bruno Rocha Nascimento | Caio Caldas | Cecília Bastos Cunha Nunes | Clara Maria Ortolani Smith | Daniel Madeira | Elnatan Bernardo | Fernanda Araujo da Silva | Filipe Alves | Filliphi da Costa | Gabriel Pimentel | Giovana Azevedo | Giullia Vênus Santos | Hallana Moreira | Heloísa Schons | Isadora Alves Dueti | Isis Aisha | Jéssica Barros | Jéssica Moura | João Gabriel Soccio Bezerra | João Pedro Cavalcante | Josianne Diniz | Juliana do Vale | Jusef Felipe Oliveira | Keilla Salvador | Laura Poffo | Laura Quariguazy da Frota | Luã Santilli | Lucas Guaraldo Itaborahy | Lucas Rafael Justino | Luiz Curado | Luiza Rodrigues Santana | Luylla Vieira | Mylena Cardoso | Paloma Ferreira Martins | Rafael Stadniki | Rafaela Schmitt | Roberval de Jesus Leone dos Santos | Ryanny Costa | Thayanne Beatriz | Vinicius Vinhal



...

A correção gramatical, ortográfica, as ideias e opiniões expressas nos diferentes relatos acadêmicos que integram este livro eletrônico são de exclusiva responsabilidade dos(a) autores(as) e coautores(as) que assinam os capítulos que compõem a presente obra coletiva.

...

Copyright © 2018 by FAC-UnB

Capa Edição de Arte – LabAudio/FAC
Diagramação Elton Bruno Pinheiro
Revisão Ariane Lamarão
Apoio Núcleo de Estudos e Produção Digital em
Linguagem Sonora | FAC/UnB



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE
BRASÍLIA – FAC-UNB**

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte,
s/n - Asa Norte, Brasília - DF, CEP: 70910-900,
Telefone: (61) 3107-6627
E-mail: fac.livros@gmail.com

DIRETOR

Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA

Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Gerales, Fernando Oliveira Paulino,
Gustavo de Castro e Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina,
Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg
(Unesp), Edgard Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF),
Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti (UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún
(Uruguai), Gustavo Cimadevilla (Argentina), Herman
Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng (Finlândia) e
Madalena Oliveira (Portugal).

COORDENAÇÃO EXECUTIVA

Rafiza Varão

Catálogo na Publicação (CIP)

P474 Pesquisa e produção em linguagem sonora : experiências
compartilhadas / Elton Bruno Pinheiro, organizador. –
Brasília : Universidade de Brasília, Faculdade de
Comunicação, 2018.
225 p. ; 29 cm.

ISBN 978-85-93078-30-9.

1. Linguagem sonora. 2 Produção em áudio. 3. Rádio. 4.
Gêneros e formatos radiofônicos. 5. Laboratório de áudio. I.
Pinheiro, Elton Bruno (org.).

CDU 654.195

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

(((Prefácio)))

Todo(a) estudante de Comunicação espera ansiosamente o início das atividades laboratoriais durante a graduação. Afinal de contas, é neste momento, que se trabalha tanto os conhecimentos adquiridos nas disciplinas anteriores (fundamentos históricos, conceituais, éticos, teóricos etc.) quanto os do próprio exercício laboratorial, que busca relacionar efetivamente o par dialético teoria/prática, algo que parece tão caro aos cursos da área.

Esse foi o desafio empreendido aos(às) alunos(as) pelo professor Elton Bruno Pinheiro, do Núcleo de Estudos e Produção Digital em Linguagem Sonora da Faculdade de Comunicação (FAC), da Universidade de Brasília (UnB). Nos dois semestres de 2017, o docente ministrou as disciplinas: Introdução à Linguagem Sonora; Roteiro, Produção e Realização em Áudio; e Jornalismo em Rádio 1.

O resultado desta pertinente e original proposta pedagógica pode ser visto nas páginas que se seguem: um registro de alguns dos produtos (comunicacionais) sonoros que elaboraram, aliados ao pensamento crítico e teórico sobre suas atividades profissionais. Um processo que, como afirma o educador brasileiro Paulo Freire (1996, p. 24), em sua importante obra *Pedagogia da Autonomia*, “[...] pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador”.

Convenhamos que esse tipo de atividade não é comum nos cursos de Comunicação. Muitos(as) vão experimentar a escrita acadêmica (com o auxílio de método e reflexão teórica sobre o objeto de pesquisa) apenas no final da jornada de 4 anos, no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Por isso, quanto antes os(as) alunos(as) exercitarem, melhor. Qualquer estímulo nesse sentido é sempre bem-vindo.

Diante disso, a proposta que nasce aqui tem outro (grande) desafio: fazer com que o produto (no formato de e-book) desse trabalho pedagógico tenha continuidade e estimule outras universidades a experimentar esse modelo. Ganha o ensino de Comunicação, ganha a FAC/UnB, ganha o professor responsável pelo projeto, ganham os futuros profissionais da área...

Cristiano Anuniação
Professor de Comunicação
do Centro Universitário Estácio de Brasília

(((Sonoridades Compartilhadas – Apresentação)))

Os textos aqui reunidos constituem uma síntese dos conhecimentos compartilhados e aprendizados reverberados pelos(as) estudantes de Audiovisual, Publicidade e Jornalismo no âmbito do Laboratório de Áudio da Faculdade de Comunicação em três disciplinas – Introdução à Linguagem Sonora; Roteiro, Produção e Realização em Áudio; e Jornalismo em Rádio 1 – ministradas ao longo do ano letivo 2017.

Configura-se como um primeiro registro de um processo mais longo, que visa ampliar a compreensão de cada estudante quanto às possibilidades e à importância da pesquisa e da produção na área da linguagem sonora, levando em consideração toda sua peculiaridade – elementos, subcódigos, condicionantes.

Cada memória a respeito dos diversos processos de produção aqui compartilhados revela duas realidades: o quanto os(as) estudantes, no ambiente laboratorial, se surpreendem com a dinâmica e a complexidade da linguagem sonora e o quanto ainda temos a experimentar tendo-a como aporte teórico e metodológico.

Ao longo dos semestres, em cada aula, reiteramos que pensar a linguagem sonora não é limita-la à mensagem radiofônica, tanto que cada texto aqui inserido demonstra, em alguma medida, as referências que os(as) estudantes já detinham sobre essa linguagem nos mais diversos meios, como no cinema e no audiovisual, na publicidade, na televisão, na *web* etc.

Todavia, partir dos pressupostos radiofônicos é sempre uma estratégia frutífera. Assim, o que relata cada estudante ao longo dessa obra é como se deu seu contato com a linguagem sonora a partir da produção de mensagens radiofônicas de diversos gêneros (entretenimento, institucional, educativo, cultural, jornalístico, humor, ficcional) e formatos (audiobiografias, programas temáticos, especiais, séries e reportagens). A leitura atenta e contextualizada com a realidade da produção experimental e laboratorial revelará como cada estudante percebeu as vantagens e os instigantes desafios de se trabalhar com a construção de imagens sonoras que primem tanto pelo diálogo entre seus mais diversos elementos e subcódigos – o silêncio, a palavra, a voz, a música, os efeitos, os ruídos etc. (BALSEBRE, 1994) – quanto pela inteligibilidade, correção, relevância e atratividade (ALVES, 1994) das mensagens.

É importante ressaltar que cada atividade proposta e realizada pelos(as) estudantes no LabAudio em cada uma das disciplinas aqui já assinaladas buscaram, muito além da experimentação e da produção de materiais sonoros de diversos gêneros e formatos, o aperfeiçoamento destes em quatro dimensões do saber, indicadas no *Relatório da UNESCO para a educação no século XXI*: o saber conhecer, o saber fazer, o saber ser e o saber conviver.

Aprender a conhecer, combinando uma cultura geral, suficientemente vasta, com a possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias. O que também significa: aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo de toda a vida.

Aprender a fazer, a fim de adquirir, não somente uma qualificação profissional, mas, de uma maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe. Mas também aprender a fazer.

Aprender a viver juntos desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências — realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos — no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.

Aprender a ser, para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com cada vez maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal. Para isso, não negligenciar na educação nenhuma das potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se. (DELORS, 1997, p.101-102)

Tais dimensões nortearam as práticas didáticas desenvolvidas em nosso ambiente laboratorial e em muito contribuíram para que fôssemos além daquelas previstas nos planos de aula e “arriscássemos”, em grande equipe, na busca de algo sintonizado com a *Modernidade Líquida* (BAUMAN, 2001) em cada produção. Nesse contexto, desenvolvemos ao longo do ano de 2017, em parceria com Núcleo de Estudos e Produção Digital em Linguagem Sonora (NEPLIS/FAC/UnB), o *site* institucional do Laboratório de Áudio da Faculdade de Comunicação <www.labaudio.unb.br>, que além de permitir o armazenamento de todo o material produzido pelos nossos(as) estudantes, servirá como ambiente permanente, fluído e rico para experimentação, motivando, inclusive, o aperfeiçoamento de estratégias de propagação de conteúdos em áudio no ambiente da convergência digital e da conexão em rede.

Vibrações Sonoras! Boa leitura-escuta!

Elton Bruno Pinheiro | Organizador
Professor da Faculdade de Comunicação
Universidade de Brasília – UnB

(((Sumário)))

PARTE 1 – ROTEIRO, PRODUÇÃO E REALIZAÇÃO EM ÁUDIO08

A importância da audiobiografia na revelação de tesouros 10

Roberval de Jesus Leone dos Santos

Vidas Sonoras: reflexões sobre a audiobiografia de Taya Queiroz..... 26

Jéssica Barros

Juliana do Vale

Professora Dione Oliveira Moura: uma audiobiografia 41

Josef Felipe Oliveira

Luiza Rodrigues Santana

Ivanni Gonçalves: audiobiografia da maior pescadora da Serra da Mesa 58

Ariane Lamarão

Gabriel Pimentel

Zé do Pife: uma audiobiografia sobre intervenção sonora 70

Jéssica Moura

Laura Poffo

O Cara do Wrap: estética ficcional em uma narrativa documental sonora 83

Filipe Alves

Rafael Stadniki

Sandra: uma audiobiografia..... 95

Lucas Rafael Justino

Luylla Vieira

Chiquinho, por ele mesmo: uma audiobiografia 109

Bruno Rocha Nascimento

Elnatan Bernardo

PARTE 2 – INTRODUÇÃO À LINGUAGEM SONORA117

O silêncio: a multiplicidade de sentidos do “espaço vazio” 119

Ayana Saito

Bruno Calvis

Caio Caldas

Isis Aisha

A palavra como elemento semântico e estético da linguagem sonora	131
Arthur Pontes Costa João Gabriel Soccio Bezerra Lucas Guaraldo Itaborahy Paloma Ferreira Martins	
O som reflexões aplicadas à produção laboratorial experimental:	142
Josianne Diniz Keilla Salvador Thyanne Beatriz	
Reflexões sobre a produção experimental “Acesso FAC – Efeitos Sonoros”	154
Cecília Bastos Cunha Nunes Fernanda Araujo da Silva Mylena Cardoso João Pedro Cavalcante	
A voz: reflexões e plásticas do elemento sonoro	166
Laura Quariguazy da Frota Luã Santilli Daniel Madeira	
A voz como mensagem	175
Luiz Curado Rafaela Schimitt Ryanny Costa Vinicius Vinhal	
Relevância da música para a formação de identidades	187
Agnes Magalhães Clara Maria Ortolani Smith Giovana Azevedo Heloísa Schons	
PARTE 3 – JORNALISMO EM RÁDIO	196
Os desafios da produção e de uma reportagem radiofônica especial	198
Filliphi da Costa	
A produção da reportagem especial no rádio	208
Hallana Moreira Isadora Alves Dueti	
Seu Estrelo e Fuá do Terreiro: uma reportagem radiofônica especial	218
Giullia Vênus Oliveira Santos	

||| PARTE 2 |||
INTRODUÇÃO À LINGUAGEM SONORA
Produções Experimentais

The image features an abstract graphic design with three blue circles of varying sizes, each composed of concentric circles. The circles are arranged in a vertical line, with the largest at the top, a medium one in the middle, and the largest at the bottom. Two thin blue lines intersect at the top left and extend diagonally across the page, framing the circles. The background is white.

O silêncio: a multiplicidade de sentidos do “espaço vazio”

**Ayana SAITO
Bruno CALVIS
Caio CALDAS
Isis AISHA**

||| Produção Experimental em Áudio

O silêncio: a multiplicidade de sentidos do “espaço vazio”⁵¹

Ayana Saito⁵²

Bruno Calvis⁵³

Caio Caldas⁵⁴

Isis Aisha⁵⁵

Universidade de Brasília - UnB

O silêncio: possíveis interpretações

Marcada pela atmosfera sonora bastante caótica, a sociedade moderna vive em meio à velocidade e confusão de sons e palavras, firmada pela urgência do dizer. Sendo assim, esta assumiu uma relação bastante conturbada com o “vazio”, tratando-o como negativo e evitável, em vez de necessário, e transformando-o em sinônimo de decepção e frustração. Porém, apesar do papel construído pela contemporaneidade, muitos teóricos retratam a importância do “espaço negativo”, encaixando-o como crucial para a contemplação e reflexão. Sendo assim, o silêncio introduz-se como lacuna dentro da linguagem sonora, porém, a partir da premissa de que, mesmo como privação de som, não se baseia numa privação de sentido.

Destarte, com base em um caráter funcional em meio à linguagem, o silêncio assume o hiato entre as palavras e sons, fatores dependentes deste para fazerem-se compreensíveis. Desse modo, o vazio não é ausência de linguagem, mas sim o “cerne de seu funcionamento” (ORLANDI, 2007, p. 12). Sendo assim, é possível relacioná-lo com a evidente dissemelhança presente no elo entre luz e escuridão que, assim como

⁵¹ O Programa em Áudio “ExperimentaSONS – O Silêncio” pode ser acessado no *site* do LabAudio da FAC/UnB: <http://labaudio.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=35&Itemid=729>.

⁵² Graduando do Curso de Audiovisual da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília – UnB. Estagiário do Decanato de Pesquisa e Inovação – DPI/UnB. E-mail: ayanasaitomc@gmail.com

⁵³ Graduando do Curso de Audiovisual da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília – UnB. E-mail: brunobeeep@gmail.com

⁵⁴ Graduando do Curso de Audiovisual da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília – UnB. E-mail: caiorobertoc@hotmail.com

⁵⁵ Graduando do Curso de Audiovisual da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília – UnB. E-mail: aisha.isis@gmail.com

o som e o silêncio, desenvolvem uma união fundamentada no mutualismo, na qual ambas necessitam da existência da outra para sobreviver e expressar-se. Posto isso, é comum na natureza e vida humana a dualidade e harmonia entre elementos opostos que, a partir de sua união, fazem-se presentes e ausentes, assumindo seus respectivos papéis e igual importância em meio a um todo.

Um ponto de vista bastante curioso afirma que o silêncio não seria, de fato, a absoluta ausência física de som, afinal, mesmo em um ambiente completamente isolado, é possível ao homem ouvir os sons de seu próprio organismo, o que torna impossível o integral vazio na linguagem dos sons. Dessa forma, a sociedade desenvolveu sua própria concepção de lacuna sonora que basearia-se numa baixa intensidade de ruídos, próximos ao limiar da audibilidade. Posto isso, o silêncio consistiria em uma aura carregada de tons que a mente humana insiste em ignorar nominável, talvez, como uma nova forma sonora.

Sendo assim, o intervalo estabelece-se vital, promovendo espaço e possibilidade para a assimilação e interiorização de estímulos que, sozinhos, saturam a mente e transformam-se em excessos intragáveis. Nesse contexto, o imaginário insere-se com êxito na atmosfera subjetiva e utiliza-se da multiplicidade do espaço vazio que, por não possuir caráter figurativo ou direto, possibilita interpretações densas em profundidade poética, simbólica e filosófica.

De acordo com Balsebre (1992, p. 135) “silêncio é um tempo em que não se produz som, pelo menos perceptível ao ouvido humano, mas aqui o imaginário actua ainda mais já que o silêncio oferece um momento de grande expressividade sujeito a múltiplas interpretações”.

Desse modo, o espaço negativo na linguagem sonora firma-se por sua ambiguidade e subjetividade, emanando uma série de significados que podem impactar a vida humana tanto de maneira positiva, a partir de uma receptividade à reflexão, contemplação e interpretação, quanto de forma negativa, quando aludido à ansiedade, desconforto e escassez, engendrando uma atmosfera carregada pela tensão. Porém, apesar da dualidade do elemento, este se faz necessário não só por sua intensa expressividade, mas também para que atinja-se o equilíbrio entre estímulo e inação, abrindo portas para que o imaginário humano atue sobre a realidade. Afinal, o silêncio é uma ausência que se faz signo.

O trabalho criativo com o silêncio

O silêncio, como parte integral de qualquer tipo de trabalho criativo que utiliza o som, já foi explorado e usado das mais diversas maneiras na arte. Nessa seção do presente artigo dissertaremos sobre o uso criativo do silêncio em produções artísticas, como no cinema e na música, e apresentaremos análises de alguns trabalhos específicos que achamos relevantes para o tema, seja por terem grande importância em seu campo, ou por considerarmos eles particularmente inventivos e inovadores.

John Cage - 4'33"

John Cage é um compositor experimental e essa é sua peça mais famosa e controversa. É considerada por muitos, também, sua mais importante obra. A peça foi composta para qualquer instrumento ou conjunto de instrumentos, e sua partitura instrui os músicos que a apresentam a não tocarem nenhuma nota durante toda a duração do concerto. O nome da composição se refere à sua primeira apresentação pública, que durou 4 minutos e 33 segundos. Um marco na música experimental e conceitual, a peça pós-estruturalista desconstrói, da maneira mais fundamental, todo o conceito de música, poucas vezes desafiado anteriormente de forma tão frontal.

Cage questiona a estrutura tradicional de uma composição musical (sequências de sons em intervalos rítmicos) e enfatiza questões antes pouco estudadas isoladamente da composição musical, como o silêncio e sua verdadeira impossibilidade, o espaço, os sons ambientes/externos, o tempo (descrito por Cage como a única unidade essencial da música, por estar presente tanto no som quanto no silêncio), e toda a estrutura social por trás da música, como a etiqueta e comportamento do público em um concerto que beira o absurdo.

Ao tirar o foco do som – ou até dar mais foco ao som ao enfatizar sua ausência –, Cage demonstra a multiplicidade de diferentes elementos que compõem a música. Antes de 4'33", Cage já experimentava com silêncio em sua música, por vezes o utilizando de maneira estendida como parte essencial de composições, e até, em algumas específicas, instruindo seus pianistas a tocarem com seus instrumentos fechados.

William Basinski – *Disintegration Loops*

The Disintegration Loops é uma série de quatro álbuns gravados pelo compositor *avant-garde* William Basinski. Cada um dos álbuns consiste, basicamente, em um fragmento de música ambiente, durando não mais que alguns segundos, tocado em *loop* repetidamente e aos poucos se deteriorando. As composições se aproveitam de uma qualidade das antigas fitas magnéticas, que, ao rodarem no aparelho que as transfere para o formato digital, aos poucos perdem nitidez do som e se deterioraram fisicamente. O primeiro álbum consiste em uma só faixa, durando pouco mais de uma hora, em que o fragmento musical toca repetidas vezes, lentamente se decompondo, sem que seja fácil ou particularmente intuitiva a percepção da mudança sonora pelo ouvinte, até que o som eventualmente se torna completamente quebrado e granuloso, e, finalmente, deixa de existir, se tornando completamente silencioso.

Uma famosa anedota a respeito do projeto relata que ele tenha sido finalizado na manhã do dia 11 de setembro de 2001, e coincidiu com o ataque terrorista às torres gêmeas. Após terminar a gravação, Basinski se sentou no teto do prédio de seu apartamento em Nova Iorque, com alguns de seus amigos, e gravou em uma câmera a fumaça exalada pelo ataque, enquanto sua composição tocava ao fundo. As imagens da câmera foram usadas tanto como vídeo clipes do projeto quanto como arte do encarte do CD. Basinski conseguiu, através da repetição constante e da lenta deterioração do som e de sua transfiguração em silêncio, construir uma obra que em sua simplicidade e concisão compreende todo o peso da existência e da morte, descrevendo a constante e entrópica (e quase imperceptível) marcha universal ao nada.

Brian Eno – *Music for Airports*

Ambient 1: Music for Airports é o primeiro de quatro álbuns da série “*Ambient*”, gravados pelo compositor Brian Eno. Termo supostamente cunhado e popularizado pelo próprio Eno, “música ambiente” é usado para descrever músicas que são, de acordo com o artista, “tão ignoráveis quanto interessantes”. Eno se propunha a criar

composições que induzem a calma e o pensamento, e que recompensam a atenção do ouvinte sem demandá-la. Por interagir com a própria percepção do ouvinte e trabalhar a relação da música com o espaço, e levando em consideração a inexistência do silêncio real e absoluto, a música ambiente é um gênero musical que frequentemente e de maneira explícita navega a linha entre o som e o silêncio. O álbum foi originalmente pensado como instalação sonora que tocava em *loop* em terminais de um aeroporto para desarmar o ambiente tenso presente nos mesmos.

Music for Airports contém quatro faixas, que consistem na sobreposição de fragmentos sonoros de pianos, vocais, e sintetizadores, limitados em quantidade, mas compostos e montados de maneiras variadas. Dentro de cada faixa, Eno utiliza, repetidamente, os mesmos conjuntos de notas e instrumentos, mas varia suas posições e a forma como os monta, manipulando principalmente o espaço entre cada nota. O músico praticamente abandona a noção tradicional de composição para dar ênfase aos sons, suas texturas e ambientação, e dessa forma, por mais harmoniosos que os mesmos sejam, eles parecem muitas vezes montados de maneira quase aleatória, nunca dando ao ouvinte exatamente o que ele espera. Essa fuga da estrutura clássica de melodia enfatiza o papel do silêncio como parte essencial da composição, e lembra o ouvinte que ele é um elemento musical tão presente e palpável quanto o som em si. Os vazios na música ambiente de Eno não apenas pressupõem mas também usam os sons do mundo externo a seu favor.

O silêncio como linguagem cinematográfica

No cinema o silêncio também tem sua história. Antes de o som ser uma realidade na linguagem cinematográfica, tudo que havia para assistir em um filme eram imagens. Era tudo silêncio, mas ele não queria dizer muito, era como se estivesse faltando algo. Os diálogos eram substituídos por textos na tela, não havia trilha sonora. O curioso é que nas salas de exibição desses filmes, o silêncio começou a ser tão incômodo para as pessoas que iam assistir, que começaram a reproduzir uma música ambiente nas salas. Na época ainda era muito estranho sentar-se com vários desconhecidos em uma sala escura, ainda mais quando não se escutava nada vindo da

tela. Depois dessa técnica da música esse desconforto acabou. Não havia mais silêncio na sala, mas ainda tinha nos filmes.

Até que o som sincronizado se tornou uma realidade, na década de 20. E então o silêncio pôde começar a ser explorado como um recurso expressivo nos filmes. A primeira coisa que se nota a partir daí, é a diferença nas atuações. Quando não podia se falar em um filme, os sentimentos tinham que ser “compensados” na expressão corporal e facial. Um bom exemplo é *O Martírio de Joana d’Arc*, que ainda usava dos diálogos escritos nas telas entre as cenas. A história do filme é bastante dramática, então as expressões eram muito fortes e marcantes. A maioria dos planos é *close-up* no rosto para dar ênfase nos sentimentos.

Depois do som sincronizado esse estilo cinematográfico foi sumindo. De início, o silêncio não foi muito explorado como forma de expressão. Diretores e produtores estavam tão animados com a novidade do som que quase todos os filmes eram cheios de diálogo e efeitos sonoros. Eles eram usados mais para exibir a novidade do que para expressar algo de fato. O primeiro filme a explorar o silêncio como expressão foi *Melodie der Welt*, de 1929. Nele há uma sequência que mostra cenas de guerra, *close-up* no rosto de uma mulher que grita, e isso se repete, até que aparece um cemitério e um marcante silêncio. É interessante como foi necessário haver o som para poder se explorar o silêncio. “O cinema sonoro inventou o silêncio” (BRESSION, 2005, p. 42).

Atualmente muitos filmes têm explorado essa técnica. Em *Brokeback Mountain* (2005) um filme sobre um amor proibido entre um casal *gay* de *cowboys*, o silêncio diz muito. O filme se passa nos anos 60 no sul dos Estados Unidos, onde a homossexualidade era inadmissível. Vale lembrar que os *cowboys* são o maior símbolo de masculinidade dos EUA. Ennis, um dos protagonistas, é uma pessoa de poucas palavras. Heath Ledger, que deu a vida ao personagem, disse que queria fazer como se a boca de Ennis fosse um “punho fechado”, e que as palavras fizessem força para sair. E ele conseguiu perfeitamente. Ennis está a maior parte do filme lutando contra os seus próprios desejos. Em uma cena específica, no começo do filme, o silêncio é predominante. Os dois estão nas montanhas, e Ennis está lutando para não ir até Jack. Depois de um tempo resistindo, ele vai até a barraca onde Jack está, e não diz nada. Os dois apenas se olham, se abraçam, e depois deitam. Em outras sequências do filme o silêncio é utilizado da mesma forma. Nesse filme em especial, ele pode ser analisado

de diversas formas. Era quase como se os personagens não tivessem coragem de dizer em voz alta o que sentiam, o que eram. Então o silêncio expressava o medo e o amor entre eles.

Em *Moonlight* (2016) o silêncio age de outra forma. No filme, Chiron, um garoto negro, pobre e *gay*, usa do silêncio como uma forma de proteção, uma fortaleza. Chiron quase não fala, o que chega a incomodar as pessoas ao seu redor. Mas ao longo do filme vamos entendendo porquê ele escolheu silenciar-se, como sua história o moldou. O silêncio no audiovisual é, portanto, um poderoso recurso expressivo. Ele é capaz de despertar emoções e sensações que nenhum som pode causar.

Uma experiência prática com o silêncio na produção em áudio

O silêncio soou, inicialmente, como um desafio, porém, ao mesmo tempo, permitiria uma linha de pesquisa bastante poética e filosófica o que foi de interesse de toda a equipe. Desse modo, o grupo entrou em debate para discutir qual seria a melhor forma de representar o silêncio, não só por meio das palavras, mas também pelas sensações transmitidas pela sonoridade da voz, efeitos e ritmo. Sendo assim, optamos por uma vertente poética que representa o silêncio por meio de interpretação, ambientação e metáforas, permitindo um caráter imersivo do ouvinte-leitor na obra dentro de uma síntese do que simbolizaria o vazio.

Dessa forma, a equipe traduziu a ambientação proposta a partir das pausas, rouquidão e calmaria na locução, acompanhada pelos efeitos sonoros, que remetem a momentos um tanto transcendentais de silêncio com base em uma perspectiva de experiências humanas. Foram utilizadas como referência, a música de Arnaldo Antunes sobre o silêncio, as narrações da campanha de conscientização de preservação da natureza, "Eu sou a Terra", ambas apresentadas em sala de aula pelo professor Elton Bruno Pinheiro durante a disciplina Introdução à Linguagem Sonora, os autores aludidos nas referências deste trabalho e, por fim, o movimento Concretista, no qual os artistas, de acordo com o autor Vilarino, buscavam incorporar a arte às estruturas matemáticas. O último fator evidencia-se nos contrastes entre som e silêncio, e na construção de uma atmosfera intrinsecamente conectada ao simbolismo deste, logo, na obra, o conceito une-se à forma.

No período de desenvolvimento, Ayana Saito e Bruno Calvis redigiram três textos que, após as críticas do professor, dos monitores e colegas de sala, aperfeiçoaram-se e tornaram-se a peça apresentada. A partir da finalização da composição, o texto foi formatado nos padrões de um roteiro sonoro e definiu-se a estética a ser seguida na locução e escolha dos efeitos sonoros. Dessa forma, Caio Caldas pesquisou todos os efeitos sonoros que condiziam com a obra e atuou como produtor auxiliando no que fosse necessário, enquanto a integrante Ayana Saito gravava a locução.

Isis Aisha foi a membro responsável pela edição final e afirma que, durante o trabalho, percebeu algumas complicações técnicas na locução, como ruído e baixa intensidade do volume, ocasionadas por um problema de equipamento. Os contratempos foram solucionados em conjunto com o técnico do laboratório de áudio, Glauber Oliveira, que expôs à editora qual seria a melhor maneira de polir e aprimorar a gravação. Alguns efeitos sonoros, como o do grito, foram, não só difíceis de encontrar, mas também carentes em variedade para que adicionássemos o que se encaixava da melhor maneira possível na proposta do trabalho. Sendo assim, manejou-se as transições, amplitude do som e montagem. Porém, o produto final ainda não ficou como desejado, graças à baixa intensidade do volume do efeito principal. Tal imperfeição deveu-se a diferente percepção sonora entre fones de ouvido e caixas de som, porém foi um aprendizado e já está corrigido.

Portanto, os maiores aprendizados giram em torno do trabalho em equipe, produção de roteiro e captação e edição de sons. Em um cenário de Introdução à Linguagem Sonora, cada pequeno detalhe é um aprendizado essencial para que os alunos cresçam e se desenvolvam no campo e este trabalho com certeza foi uma peça importante nessa jornada.

Considerações finais

Produzir um trabalho em áudio com o silêncio como temática é uma proposta desafiadora, quase paradoxal. Principalmente por essa razão, acreditamos que o trabalho nos pode trazer diferentes reflexões e aprendizados importantes, não apenas acerca da produção sonora, mas também do tema tratado e suas implicações artísticas

e filosóficas. A proposta da peça era criar uma representação subjetiva do silêncio, partindo de uma abordagem mais poética e até emocional, que não explorasse o tema através de sua representação “física” e literal, mas de seu imagético e dos sentimentos e sensações atreladas a ele.

Uma percepção que julgamos essencial para a realização do trabalho e que pode ajudar outros que busquem desenvolver produtos similares futuramente é a aceitação da impossibilidade do silêncio absoluto real, que nos permitiu focar ao invés disso em sua representação figurativa. Essa ênfase em uma expressão mais representativa do silêncio nos deu muito maior liberdade para explorá-lo tanto de maneira mais abrangente quanto pessoal, tratando-o não como apenas uma entidade física que significa a ausência de som, mas como espaço, como vazio, como veículo para as mais variadas relações e como condutor de reflexão e sentimento.

Referências

BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.) **Teorias do rádio** – textos e contextos vol.1. Florianópolis: Insular, 2005.

CAVALHEIRO, Juciane dos Santos. **A Voz e o Silêncio em 4’33, de John Cage**. PROLING, UFPB, 2016. Disponível em: <http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_antteriores/anais16/sem14pdf/sm14ss04_08.pdf>. Acesso em: 14 out. 2017.

FRERE-JONES, Sasha. **Looped In**: William Basinski’s evocative tape art. The New Yorker, 2014. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2014/11/10/looped>> Acesso em: 14 out. 2017.

RICHARDSON, Mark. **As Ignorable As It Is Interesting**: The Ambient Music of Brian Eno. Pitchfork, 2002. Disponível em: <<https://pitchfork.com/features/resonant-frequency/5879-resonant-frequency-17/>>. Acesso em: 14 out. 2017.

VILARINO, Sabrina. **Concretismo**. Brasil Escola, 2016. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/literatura/concretismo.html>>. Acesso em: 12 out. 2017.

Anexo – Roteiro

Ficha Técnica	
Apresentação/Locução: Ayana Saito	Produção: Ayana Saito, Bruno Calvis, Caio Caldas e Isis Aisha
Pesquisa: Caio Caldas	Edição: Isis Aisha
Roteiro: Bruno Calvis	Direção/Orientação: Elton Bruno Pinheiro

Sinopse do Programa
ExperimentaSONS é um programa que aborda elementos da linguagem sonora e radiofônica de forma didática e criativa. Nessa edição especial temos como tema o Silêncio, com a apresentação de um texto poético.

Programa: **ExperimentaSONS – Especial “O Silêncio”**

TÉC	<u>VINHETA DE ABERTURA - 1X - CORTA</u> <u>EFEITO SONORO: VENTANIA 1 - 1X – CORTA</u>
LOC 1	Às vezes/ eu chego sem ninguém notar/ eu encho cômodos inteiros, sou grande//
TÉC	<u>EFEITO SONORO: VENTANIA 2 - 1X – CORTA</u>
LOC 1	Mas também posso ser breve// por isso/ sou ambíguo/ para outros/ absoluto/ As vezes sou frágil,/ um risco me rompe,/ estraçalha,/ mata//
TÉC	<u>EFEITO SONORO: GRITO - 1X – CORTA</u>
LOC 1	Mas quando me faço denso, só uma revolução me trisca/ Existo desde o princípio/ desde antes dele// Sou a linguagem universal, a argamassa entre cada palavra// Entre cada som//
TÉC	<u>EFEITO SONORO: CANTO DE PÁSSAROS - 1X – CORTA</u>
LOC 1	Entre sentimentos//
TÉC	<u>EFEITO SONORO: CORAÇÃO BATENDO FORTE - 1X – CORTA</u>

LOC 1 A verdade/ é que eu sou feito de nada/ e talvez por isso/ dentro de mim caiba muito// Eu caso com as ondas do mar//

TÉC **EFEITO SONORO: SOM DE ONDAS - 1X – CORTA**

LOC 1 Meu sopro dá eletricidade ao ar//

TÉC **EFEITO SONORO: VENTANIA 3 - 1X – CORTA**

LOC 1 Posso ser// tensão//

TÉC **EFEITO SONORO: BARULHO DE TIRO - 1X – CORTA**

LOC 1 Sou mortal quando obrigado./ Querido entre amigos./ Amado no amor.// Sou necessário/ na conexão com o invisível.// Sou o branco e o preto./ O tudo e o nada./ Eu sou///

LOC 1 Este foi o Programa “ExperimentaSONS”,/ especial “O Silêncio”//
Uma produção dos alunos de Introdução à linguagem sonora /da Faculdade de Comunicação da UnB.///
Roteiro:/ Bruno Calvis//
Locução:/ Ayana Saito//
Edição:/ Isis Aisha//
Pesquisa:/ Caio Caldas//
Orientação:/ Professor Elton Bruno Pinheiro//
Apoio:/ Laboratório de Áudio – FAC/UnB///

Todo(a) estudante de Comunicação espera ansiosamente o início das atividades laboratoriais durante a graduação. Afinal de contas, é neste momento, que se trabalha tanto os conhecimentos adquiridos nas disciplinas anteriores (fundamentos históricos, conceituais, éticos, teóricos etc.) quanto os do próprio exercício laboratorial, que busca relacionar efetivamente o par dialético teoria/prática, algo que parece tão caro aos cursos da área.

Esse foi o desafio empreendido aos(às) alunos(as) pelo professor Elton Bruno Pinheiro, do Núcleo de Estudos e Produção Digital em Linguagem Sonora da Faculdade de Comunicação (FAC), da Universidade de Brasília (UnB). Nos dois semestres de 2017, o docente ministrou as disciplinas: Introdução à Linguagem Sonora; Roteiro, Produção e Realização em Áudio; e Jornalismo em Rádio 1.

O resultado desta pertinente e original proposta pedagógica pode ser visto nas páginas que se seguem: um registro de alguns dos produtos (comunicacionais) sonoros que elaboraram, aliados ao pensamento crítico e teórico sobre suas atividades profissionais. Um processo que, como afirma o educador brasileiro Paulo Freire (1996), em sua importante obra *Pedagogia da Autonomia*, “[...] pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador”.

Cristiano Anuniação
Professor de Comunicação
do Centro Universitário Estácio de Brasília